



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS SACERDOTES PARTICIPANTES NO SEMINÁRIO SOBRE PROcriação RESPONSÁVEL

Quinta-feira, 1 de Março de 1984

Caríssimos Sacerdotes!

1. É-me grato receber-vos nesta audiência especial que me consente exprimir-vos o profundo afecto que tenho por vós, partícipes comigo do único Sacerdócio de Cristo, e manifestar-vos ao mesmo tempo a grande consideração em que tenho o trabalho pastoral ao qual dedicais as vossas maiores energias.

Exerceis o vosso apostolado de modo particular ao serviço da família, na justa convicção de que todo o auxílio oferecido a esta célula fundamental do consórcio humano produz *uma eficácia multiplicada*, repercutindo-se nos diversos componentes do núcleo familiar e contemporaneamente perpetuando-se no tempo, graças à obra educadora que dos pais se reflecte nos filhos e, através destes, nos filhos dos filhos.

Desejo confirmar-vos nesta convicção e encorajar-vos a prosseguir na obra empreendida, na qual, não vos pode faltar a bênção de Deus, primeiro idealizador da comunidade familiar e, "ao chegar a plenitude dos tempos" (*Gál. 4, 4*), seu pródigo redentor.

2. Este encontro realiza-se por ocasião da vossa participação no Congresso que o "Centro de Estudos e Pesquisas sobre a regulação natural da fertilidade", da Universidade Católica do Sagrado Coração, e o "Instituto de estudos sobre matrimónio e família", da Pontifícia Universidade Lateranense oportunamente promoveram sobre o importante tema da procriação responsável. Gostaria de dizer, nesta circunstância, algo sobre o argumento de um ponto de vista sobretudo pastoral.

Na recente celebração do Jubileu dos Sacerdotes recomendava: "Abramos cada vez mais amplamente os olhos — o olhar de alma — para compreender melhor o que significa *perdoar os pecados e reconciliar as consciências humanas* com Deus infinitamente Santo, com o Deus da Verdade e do Amor" (*Homilia de 23 de Fevereiro de 1984*, n. 4). Reconciliar a consciência humana com o *Deus da Verdade e do Amor*. é este o vosso ministério, sempre, mas de modo muito especial quando pondeis o vosso sacerdócio ao serviço dos cônjuges.

Quisestes, nestes dias, descobrir e aprofundar os fundamentos científicos, filosóficos e teológicos da procriação responsável; mais precisamente, do ensinamento da Encíclica *Humanae Vitae* e da Exortação Apostólica *Familiaris consortio*, com o fim de reconciliar a consciência humana dos cônjuges com o Deus da Verdade e do Amor. Quando é que, de facto, a consciência humana está "reconciliada", quando está em paz profunda? Quando está na *Verdade*. E os dois documentos acima mencionados, na fidelidade à tradição da Igreja, ensinaram a *verdade do amor conjugal*, uma vez que ele é comunhão de pessoas.

Que significa "reconciliar a consciência dos cônjuges com a *verdade* do seu amor conjugal"? Quando os seus contemporâneos perguntaram a Cristo se era lícito ao marido repudiar a própria mulher, Ele respondeu reevocando "o princípio", isto é, o *projecto originário* do Criador sobre o matrimónio: Também vós, que actuais *em nome de Cristo* como sacerdotes, deveis mostrar aos cônjuges que tudo aquilo que a Igreja ensina sobre a procriação responsável não é senão o *projecto originário* que o Criador imprimiu na humanidade do homem e da mulher que se unem em matrimónio, e que o Redentor veio restabelecer. A norma moral ensinada pela *Humanae Vitae* e pela *Familiaris consortio* é a defesa da verdade inteira do amor conjugal, pois que deste amor exprime as *imprescindíveis* exigências.

Tende a certeza disto: quando o vosso ensinamento é fiel ao Magistério da Igreja, vós não ensinais coisa alguma que o homem e a mulher *não possam* compreender. Até mesmo o homem e a mulher de hoje. Este ensinamento, de facto, que vós fazeis ressoar aos seus ouvidos *já* está gravado no seu coração. O homem e a mulher devem ser ajudados a ler profundamente esta "marca no coração". E o facto de nestes três dias de estudo terdes querido descobrir as *razões* do Magistério da Igreja, não significa porventura que desejais ter cada vez mais claros os *caminhos* por onde conduzireis os cônjuges à *verdade profunda de si mesmos* e do seu amor conjugal?

3. Reconciliar a consciência humana dos cônjuges com o Deus da Verdade e do Amor: a consciência humana dos cônjuges está verdadeiramente reconciliada quando eles descobrirem e acolherem a verdade sobre o seu amor conjugal. De facto, como escreve Santo Agostinho, "beata quippe vita est gaudium de veritate. Hoc est enim gaudium de te, qui Veritas es" (*Confissões* 10, 23, 33; CSEL 33/1, 252).

Sabeis bem que muitas vezes a fidelidade da parte dos sacerdotes — digamos, antes, da Igreja

— a esta verdade e às normas morais resultantes, quero dizer, aquelas ensinadas pela *Humanae Vitae* e pela *Familiaris consortio*, deve muitas vezes ser paga por um preço alto. Frequentemente somos escarnecidos, acusados de incompreensão e de rigor, e ainda de outras coisas. É a sorte de todas as testemunhas da verdade, como bem sabemos. Escutemos ainda uma página de Santo Agostinho: "Mas por que razão a verdade gera ódio?", pergunta-se a si mesmo o Santo Doutor. "Na realidade", responde ele, "o amor de verdade é tal, que todos os que amam um objecto diferente pretendem que o objecto do seu amor seja a verdade; e visto que detestam enganar-se, detestam convencer-se de que se enganam. Por isso odeiam a verdade; por amor daquilo que crêem verdade. Amam-na quando resplandece, odeiam-na quando repreende" (*Confissões* 10, 23, 34; Ed. cit., 253).

Com simples e humilde firmeza sede fiéis ao Magistério da Igreja num ponto de importância tão decisiva para os destinos do homem.

4. Existe uma dificuldade *verdadeira* na reconciliação da consciência humana dos cônjuges com o Deus da Verdade e do Amor; ela é de género bem diferente do que acabámos de indicar.

A reconciliação não se verifica se os cônjuges sabem *somente* compreender a verdade do seu amor conjugal: é necessário que a sua liberdade se realize, *faça a verdade*. A dificuldade *verdadeira* é que o *coração* do homem e da mulher é habitado pela concupiscência: e a concupiscência impele a liberdade a não consentir as exigências autênticas do amor conjugal. Seria um erro gravíssimo chegar à conclusão de que a norma ensinada pela Igreja é em si mesma só um "ideal" que deve depois ser adaptado, proporcionado, graduado, como se diz, às possibilidades concretas do homem: segundo um "balanceamento dos vários bens em questão". Mas quais são as "possibilidades concretas do homem"? E de que homem se trata? Do homem *dominado* pela concupiscência ou do homem *remido por Cristo*? Pois é disto que se trata: da realidade de *redenção* de Cristo.

Cristo remiu-nos! Isto significa: Ele deu-nos a *possibilidade* de realizar a *inteira* verdade do nosso ser; Ele libertou a nossa liberdade *do domínio* da concupiscência. E se o homem remido ainda peca, não é devido à imperfeição do acto redentor de Cristo, mas *à vontade* do homem de subtrair-se à graça que promana daquele acto. O mandamento de Deus é evidentemente proporcionado às capacidades do homem: mas às capacidades do homem a quem é dado o Espírito Santo; do homem que, se caiu em pecado, pode sempre obter o perdão e gozar da presença do Espírito.

A reconciliação da consciência humana dos cônjuges com o Deus da Verdade e do Amor passa através da remissão dos pecados: através do humilde reconhecimento de que não nos adequámos, por assim dizer, não nos comparámos à Verdade e às suas exigências, e não através da orgulhosa recondução da Verdade e das suas exigências àquilo que *nós* decidimos que é verdadeiro e bom. A nossa liberdade está em sermos servos da Verdade. Como lemos na

Liturgia das Horas de ontem: "Demonstra-se teu melhor servo não aquele que pretende ouvir de ti aquilo que ele quer, mas aquele que, pelo contrário, quer aquilo que ouviu, de ti" Santo Agostinho, *Confissões* 10, 26, 37: Ed. cit., 255)

A nossa caridade pastoral para com os cônjuges consiste em estarmos sempre disponíveis a oferecer-lhes o perdão dos pecados, mediante o Sacramento da Penitência, não em diminuirmos aos seus olhos a grandeza e a dignidade do seu amor conjugal.

5. "Abramos cada vez mais amplamente os olhos — o olhar da alma — para compreender melhor o que significa *perdoar os pecados e reconciliar as consciências humanas com o Deus infinitamente Santo, com o Deus da Verdade e do Amor*".

Deste olhar mais profundo da nossa alma sacerdotal têm necessidade os cônjuges; tem necessidade toda a Igreja. A fim de que os cônjuges, a fim de que toda a Igreja louve o Pai do Senhor nosso Jesus Cristo: assombrada e nunca saciada na contemplação daquele Amor e daquela Verdade com que vós reconciliais a consciência humana dos cônjuges.

Ao invocar sobre o vosso ministério a confortadora efusão de copiosos dons de sabedoria e de caridade, de coração, dou-vos a minha Bênção apostólica.